

al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#25 (tomo 1) Jan. 2022

ARTE PALEOLÍTICA EM AMBIENTE GRANÍTICO NO VALE DO CÔA

6

19

**Porcelana chinesa
de Santa Clara-a-Velha**

**Os grafitos molinológicos
como objecto de estudo
etnoarqueológico**

**A ponte medieval do
Burgo de Vouga**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Pormenor da zona central da garganta da Faia, no Vale do Côa, onde se sinalizam as rochas gravadas n.ºs 6 e 19. A última é dada a conhecer nesta edição e confere um renovado interesse ao único local de geologia granítica com arte paleolítica conhecido no mundo.

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 25, tomo 1, Janeiro 2022

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.comInternet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |www.almadan.publ.ptDistribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neóepica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número | Miguel Almeida, Lara Bacelar Alves, Luísa Batalha, Vera Caetano, Andreia Campôa, Guilherme Cardoso, João Muralha Cardoso, Fábio Capela, Bárbara Carvalho,

Vânia Carvalho, António Chény, Maria João Coelho, Mónica Corga, Miguel Filipe Correia, Luca Antonio Dimuccio, José d'Encarnação, Isabel Cristina Fernandes, Cristina Gameiro, Vanessa Gaspar, Telmo Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, António Gonzalez, Jéssica Iglésias, Catarina Cunha Leal, Paulo Lemos, Luís Seabra Lopes, Armando Lucena, Rui Morgado, Manuel Nunes, Dina Borges Pereira, Franklin Pereira, Adelaide Pinto,

Eduardo Porfírio, Nuno Ramos, Jorge Raposo, José Rebelo, Mário Reis, Jorge Resende, Maria do Céu Santos, Michelle Teixeira Santos, Miguel Serra, Sofia Silva, Rafael Sousa, Humberto Veríssimo e Maurizio Zambaldi.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Há precisamente um ano, no final de Janeiro de 2021, recebemos com surpresa e consternação a notícia da morte de Bruno Navarro, Presidente do Conselho Directivo da Fundação Côa Parque, à qual imprimiu uma assimilável dinâmica desde que ocupou esse cargo, em 2017. Dotado de uma visão estratégica clara e sólida para a Fundação e o Museu do Côa (ver, por exemplo, artigo que subscreveu na *Al-Madan* impressa n.º 22, em 2019), a sua perda antevia-se difícil de superar pela instituição e pela sua equipa de trabalho.

Felizmente, constatamos não ser isso que sucede, agora sob a gestão de Aida Carvalho, empossada em Março de 2021. A Fundação celebrou condignamente os 25 anos da criação do Parque Arqueológico do Côa em Agosto último, o Museu continua a proporcionar programas apelativos aos seus públicos e as equipas de investigação multidisciplinar instaladas na zona revelam frequentemente novas descobertas. Resultados e experiências foram partilhados, avaliados e debatidos com a comunidade científica nacional e internacional no 2.º *Symposium* do Côa, que o Museu organizou no passado mês de Dezembro, dedicando-o precisamente à gestão e conservação de sítios com arte rupestre. Mas, no plano científico, haviam ficado já evidentes na conferência proferida em Julho por três dos investigadores do Côa, André Santos, Miguel Almeida e Thierry Aubry, numa sessão organizada pela ADECAP - Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular cuja gravação pode ser consultada na Internet (<https://bit.ly/3rIY8B>). Conhecemos cada vez melhor os grupos de caçadores-recolectores que produziram as extraordinárias manifestações artísticas do Côa, o território e as condições ambientais em que o fizeram, bem como a sua integração num modelo cultural com vasta difusão regional.

Nas páginas desta *Al-Madan Online* ficamos agora a conhecer mais um achado excepcional, desta feita no sítio da Faia, onde, 18 a 20 mil anos antes de nós, alguém gravou habilmente um cavalo numa rocha granítica. É a primeira figura paleolítica conhecida nesse suporte em todo o mundo! O estatuto de Património Mundial atribuído pela UNESCO ao Vale do Côa, em 1998, revela-se cada vez mais uma decisão de elementar justiça. O futuro reservar-nos-á seguramente novas descobertas, que consolidarão o sítio e o museu nos planos científico e museológico português e além-fronteiras.

Naturalmente, o Côa não esgota os temas que podem ser encontrados nas páginas seguintes. Trabalhos de arqueologia e antropologia biológica, a par de estudos de materiais e sítios patrimoniais de tipologia e cronologia muito diversificadas, complementados com noticiário de intervenções, eventos e edições recentes, proporcionarão seguramente boas horas de leitura.

Votos de que esta se faça com prazer e saúde, apesar das circunstâncias difíceis que continuamos a enfrentar.

Jorge Raposo, 25 de Janeiro de 2022



FIG. 1 – Panorâmica da Quinta de Manique.

A Quinta de Manique

História e Património no Concelho de Cascais

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

A data em que escrevemos (Julho de 2021), o livro ainda não foi publicado, mas creio que merece a pena tecer sobre ele algumas considerações. Sobre ele e sobre a iniciativa que proporcionou a sua concretização.

Desde há anos que a Câmara Municipal de Cascais decidiu promover, com regularidade, o Prémio Ferreira de Andrade, em homenagem a um escritor que, mercê de mui aturada pesquisa em jornais, arquivos e publicações, concretizou, para ser editada em 1964, por altura das comemorações do VI Centenário da Elevação de Cascais a Vila, o livro *Cascais Vila da Corte*. Um manancial, diga-se desde já, verdadeiramente inesgotável, porque o autor, ainda que não historiador de formação, ali reuniu todo um acervo de que, ainda hoje, os que desejamos saber algo sobre a história de Cascais, a ele vamos beber. Foi necessário, aliás, para melhor dele usufruirmos, elaborar-se um outro livro, a que tive a honra de lançar mão, de índices (toponímico, analítico, bibliográfico, onomástico e mesmo geral), para que a sua consulta resultasse facilitada. Aproveitou-se, na altura, o ensejo para completar a história dos acontecimentos mais salientes da vila, desde 1964 a 1972, data em que esse volume complementar foi preparado (ENCARNAÇÃO, 1975).

Louve-se, pois, em primeiro lugar, a iniciativa, pelo que ela significa de interesse da autarquia

pela preservação da memória das gentes, da identidade do lugar, de preservação dos valores próprios.

Aliás, nesse aspecto das publicações, a vila de Cascais muito tem investido, não só porque dispõe de um arquivo histórico exemplar, mas também porque não tem regateado apoio a quantos procuram estudar o espólio desse arquivo, cada vez mais enriquecido com o acervo dos arquivos quer de personalidades do concelho, quer de colectividades e instituições.

Coube à Doutora Raquel Henriques da Silva, ao Doutor António Ventura e a mim próprio dar, por unanimidade e sem hesitação, o prémio de 2019 ao livro em epígrafe.

Fácil é compreender o seu conteúdo e interesse se pensarmos que, amiúde, se olha para Cascais como estância balnear, semeada de chalés e palácios à beira-mar, o testemunho do que foi a sua vida após 1870, data em que a Família Real, depois de passar o Verão na frescura de Sintra, vinha usufruir da outonal tepidez cascalense e, com ela, toda a burguesia olisiponense e a nobreza que junto do Rei muito apreciava viver (HENRIQUES, 2011).

Cascais não é, porém, esse litoral apenas. Há o interior, que os Romanos deveras apreciaram (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 1995); o interior da agricultura e da pecuária (SOARES, 2013; HEN-

RIQUES, 1997); o interior das quintas, mormente das de Carcavelos, famosas até nos livros de Eça de Queiroz¹ e que mereceram de Branca de Gonta Colaço e Maria Archer esta observação: “*Em redor destas quintas vastas, opulentas, enxameiam os pequenos casais, erguidos nuns palmos de chão arborizado e florido e com seu cómodo da pequena casa moderna e galante*” (COLAÇO e ARCHER, 1943: 224).

Justificava-se, pois, tal olhar, a esmiuçar exemplarmente o que fora todo o percurso feito, os seus altos e baixos.

Por isso, a equipa que se abalançou a propor a revitalização dessa quinta secular do interior do concelho achou por bem sugerir, antes, a um investigador que desse conta do que fora o passado do local. Que memórias? Que gentes? Que interesse ao longo dos tempos?

¹ “*Queixou-se da obrigação de viver na cidade, nos cativos do luxo: desejava habitar sempre a sua quinta de Carcavelos, rezar na pequena capela antiga, conversar com as boas almas da aldeia! – e a sua voz tornara-se terna*” (QUEIROZ, s.d.: 43).

Sim, porque a quinta não era uma ilha, pertencia a uma comunidade e era importante saber como tudo se passara. Para que, por exemplo, não se levantasse um muro no caminho que, há décadas, a população considerava relevante para o seu quotidiano!

Esta, seguramente, a primeira grande mensagem que a obra ora premiada nos traz: a atenção às pessoas como protagonistas.

Importa esclarecer, em segundo lugar, que o facto de se haver atribuído o prémio Ferreira de Andrade ao único trabalho concorrente não significou uma opção do género “*Temos este, vamos classificá-lo, que remédio!...*”. Não. A obra tem valor absoluto em si e muito nos agradou, a todos os membros do júri, haver-mos coincidido na opinião, sem que tivéssemos falado previamente uns com os outros.

Ao ler esta mui minuciosa obra de João Bernardo Galvão Teles, intitulada *A Quinta de Manique: história e património no concelho de Cascais*, fica-se com uma ideia muito clara da história da Quinta e dos seus valores histórico-patrimoniais, sendo de louvar a inclusão, no final, do projecto de recuperação assinado pelo Arquitecto Francisco Lobo de Vasconcellos, uma recuperação, diga-se desde já, que deve ser apoiada, inclusive por integrar não apenas o edificado, mas toda a área envolvente nas suas diferentes serventias. Esse, o testemunho de que atrás se falava: o projecto de recuperação teve em conta a história, os valores histórico-patrimoniais de um sítio.

Fica esta quinta em Manique de Baixo (aldeia habitualmente conhecida apenas por Manique), na freguesia de Alcabideche. Detém as características das casas senhoriais (dir-se-ia, nobres...): além da zona de habitação, dotada de importante acervo azulejar, há a área de lazer e agrícola, onde se inclui, por exemplo, uma azenha, porquanto se localiza nas margens da ribeira de Manique, outrora de significativo caudal.

Deveras interessante e bem documentada, no livro, a parte que poderia chamar-se de genealógica, com o historial das famílias que foram ocupando o imóvel. As obras feitas em cada época. O importante papel do azulejo e das suas figurações. O cuidado na rigorosa informação acerca da documentação. Há um conhecimento pleno dos termos técnicos. Descrições pormenorizadas que a documentação traz, mesmo que repetidas, mas não há problema, porque assim melhor se entende o entrecho e o contexto. Minuciosa descri-



FIGS. 2 E 3 – Quinta de Manique. Cozinha e pormenor do azulejo de uma das varandas.

ção do imóvel, sabiamente acompanhada pela carta topográfica. Bibliografia exaustiva. Bem enquadradas histórica e esteticamente as cenas da azulejaria. Gostaríamos de saber mais da Santa Agatemera, cuja estranha múmia se venera na capela; mas compreende-se que o autor não se tenha querido meter por aí, tão cheia de mistério a história se apresenta...

Está bem escrita – o que, nos tempos que correm, em que a expressão em língua portuguesa anda pelas ruas da amargura é, sem dúvida, de muito louvar!

Enfim, uma obra de mérito, cuja publicação bem curiosamente se vai aguardar! 🐼

Bibliografia

CARDOSO, Guilherme e ENCARNAÇÃO, José d' (1995) – “A Villa Romana de Freiria (Cascais) e o seu Enquadramento Rural”. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 2: 51-62. Disponível em <https://bit.ly/3zZw3Xm>.

COLAÇO, Branca de Gonta e ARCHER, Maria (1943) – *Memórias da Linha de Cascais*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. 224.

ENCARNAÇÃO, José d' (1975) – “Cascais, Vila da Corte”: *índices e suplemento*. Cascais: Câmara Municipal. Disponível em <https://bit.ly/3riLia5>.

HENRIQUES, João Aníbal (1997) – *Subsídios Monográficos para uma História Rural Cascalense*. Cascais: Junta de Freguesia de Cascais.

HENRIQUES, João Miguel (2011) – *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol (Cascais, 1850-1930). Fundação, desenvolvimento e afirmação de uma estância turística*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Cascais.

QUEIROZ, Eça de (s.d.) – *O Crime do Padre Amaro*. Lisboa: Publicações Europa-América (*Livros de Bolso / Série Grandes Obras*).

SOARES, Maria Micaela (2013) – *Salóis de Cascais: Etnografia e Linguagem*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.